

O PROVÉRPIO: UM GÊNERO MARGINAL(IZADO)?!

GABRIELA FUNK

Universidade dos Açores/IELT
funk@uac.pt

1. Causas das oscilações na apreciação dos provérbios

Enquanto o provérbio, numa cultura de tradição oral, representa tipicamente o tesouro do conhecimento e a colecção das regras sociais ou jurídicas¹, na transição para a cultura escrita e na formulação científica² dos saberes, esse género da Literatura Tradicional perde a sua autoridade nos círculos dominantes da sociedade. Ressalve-se, porém, o facto de, ao longo desse processo, haver ciclos de apreciação e desvalorização de provérbios específicos, bem como do próprio género.

Na Idade Média, o provérbio ainda funcionou, em várias regiões da Europa, como regra jurídica³. Até mesmo Erasmus de Roterdão, Martin Lutero e Georgius Agricola

¹ Cf. MARTINS, 2009.

² Os provérbios relacionados com fenómenos atmosféricos têm vindo a perder a sua aplicabilidade com o avanço da Meteorologia. No entanto, há meteorologistas que conseguem explicar cientificamente por que determinadas observações fazem ainda sentido. Para mais informação sobre este tema, ver ALVES, 1996. O provérbio do Grupo Central do Arquipélago dos Açores «Baleias no canal, terás temporal», por exemplo, tem origem no facto de as baleias se protegerem nas águas do canal entre as ilhas do Pico e S. Jorge quando se apercebem da aproximação de mau tempo.

³ Nos países germânicos, a tradição jurídica baseia-se no princípio do «T(h)ing/Ding», ou seja, de um tribunal onde a comunidade em conjunto julga os réus. Este é o fundamento da figura dos jurados nos tribunais anglo-saxónicos. Entre 1220 e 1235, Eike von Repgow colecionou, no seu livro «Sachsenspiegel» [= «Espelho da Saxónia»], os diferentes costumes jurídicos nas regiões da Alemanha. Ao contrário do que o nome indica, este livro não foi aceite apenas na região da Saxónia (Alemanha), mas em todo o território alemão, demonstrando bem a aplicação de vários provérbios como princípios jurídicos na Idade Média (e em algumas partes da Alemanha até ao fim do século XIX). Esta tradição só foi quebrada com a

recorreram à autoridade da sabedoria popular, dinamizando a sua divulgação à escala europeia⁴.

Já na transição para o Renascimento, observa-se a reutilização de formas clássicas em detrimento de expressões populares, especialmente quando a língua de transmissão é o Latim. Erasmus, por exemplo, introduziu vários provérbios latinos em muitas línguas europeias, particularmente nas de origem não românica. Este fenómeno é explicável pelo uso dos «provérbios» de Erasmus nas escolas de Latim, ou seminários, o que originou a infiltração dos mesmos no discurso escrito e oral das diferentes sociedades. Por conseguinte, os provérbios vivem igualmente da importação da sabedoria de outros povos, beneficiando, como neste caso, da cultura escrita.

No tempo do Romantismo, verificou-se um redescobrimento da Cultura Popular, após um período de marginalização da mesma no seio das elites, imbuídas do espírito renascentista, que tendia a privilegiar uma abordagem mais científica. Neste contexto, os provérbios, como regras empíricas, não podiam conquistar um lugar de destaque, contrariamente ao que se verifica na época romântica, marcada pelo subjectivismo.

Na fase da industrialização e da massificação do ensino, a cultura oral perdeu a sua dominância na transmissão dos conhecimentos. A forma e os conteúdos educativos mudaram, o que levou a um afastamento das culturas tradicionais, mas não ao seu esquecimento.

Os mecanismos de acreditação do provérbio derivam de uma cultura oral, onde a multiplicação de uma experiência depende do número de pessoas que a vivenciaram. Assim, cada falante empresta uma voz, constituindo a divulgação dos provérbios um processo quase democrático⁵. A força destes textos tradicionais advém da consciência de que, supostamente, milhares ou milhões de indivíduos presenciaram situações onde os mesmos se revelaram conceitos úteis, passando daí a integrar a memória colectiva⁶. O

introdução do código romano, ou seja, com uma legislação escrita. Interessante é o facto de o novo código se basear também em tradições orais do povo Romano, mas como estas não eram do conhecimento comum da população local, nem tinham expressão na sua língua materna, deixaram de ser provérbios. Por outro lado, com a expansão austriaco-alemã nos países eslavos e na Hungria, as regras subjacentes ao «Sachsenspiegel» infiltram-se de uma forma equivalente na Europa de Leste. Estas tradições germânicas exerceram, igualmente, uma influência em Portugal até ao século XV, através do *Liber Iudiciorum*, código jurídico introduzido pelos Visigodos na sua ocupação da Península.

⁴ A colectânea de Erasmus, *Adagiorum Chiliades*, data de 1508. A de Lutero incluía 489 provérbios, recolhidos por volta de 1530, e as de Agrícola foram publicadas em 1534 e 1548, contendo a primeira 750 exemplares. Em Portugal, o primeiro adagiário, da autoria de António Delicado, surge apenas em 1651, seguindo-se o *Florilegio dos modos de fallar, e adágios da lingua portuguesa*, de Bento Pereira, publicado em 1651.

⁵ Em todas as sociedades, existem pessoas com um acesso privilegiado a uma vasta audiência pelo simples facto de a sua rede de contactos pessoais ser maior. Estes multiplicadores de ideias podem influenciar o conjunto de opiniões individuais, ou seja, a opinião pública, daí o princípio «uma pessoa, um voto» não se traduzir directamente em «uma pessoa, uma voz». Quando se multiplica uma opinião através da escrita ou da comunicação social, já se verifica uma influência desproporcional.

⁶ Quando uma decisão é tomada por um grémio, o resultado final deriva do conjunto de decisões individuais. Na discussão preliminar, são invocados factos que se relacionam com princípios, a partir dos quais se tiram conclusões. Tendo em conta

exemplar «Voz do povo, voz de Deus», nomeadamente, expressa a convicção de que os resultados que passam pelo crivo da experiência de inúmeras pessoas são mais válidos do que os promovidos por um único indivíduo, independentemente de ser um especialista.

Quando a comunicação ultrapassa o simples contacto pessoal e se converte num tipo de *mass media*, os indivíduos com acesso directo a este meio rapidamente se transformam em multiplicadores de opinião ou até em «*opinion makers*», quando conquistam uma certa credibilidade.

O apelo à memória colectiva constitui a forma mais eficaz de credibilização, sendo maior a aceitação dos princípios usados quando se faz passar a ideia de que os mesmos se coadunam com os usos e costumes da sociedade⁷. A manipulação da opinião pública começa no momento em que os referidos multiplicadores definem determinados conceitos como provérbios e a forma como devem ser usados.

Os primeiros agentes dessa manipulação são os coleccionadores de provérbios, quando incluem nas suas recolhas expressões que eles próprios consideram como elementos da memória colectiva, sem que, para o efeito, utilizem qualquer mecanismo de verificação. Como esta problemática⁸ se coloca em quase todos os adagiários⁹, as instâncias orientadoras da popularidade de uma expressão são, por isso, pouco fiáveis.

Na nossa opinião, o registo da maior parte dos provérbios xenófobos e sexistas deve-se a esta forma de compilação. Pelo menos no que se refere aos exemplares relacionados com a temática da Mulher, temos dados que provam que só poucos são realmente conhecidos¹⁰ ou aceites¹¹ pelos falantes.

Na comunicação social, os multiplicadores de opinião influenciam fortemente o processo de verificação da utilidade dos provérbios, que cabe normalmente a cada geração. Numa sociedade plural, onde as forças de persuasão estão ao serviço de diferentes grupos sociais, essa influência pode ser contrabalançada, o que não acontece num regime totalitário, usurpador do discurso público e manipulador da memória colectiva. Neste enquadramento político e no que diz respeito aos provérbios, procura-se impor uma determinada interpretação ou, inclusivamente, a aceitação de preceitos ideológicos como regras tradicionais.

que cada interveniente memoriza os conceitos em que acredita, é mais fácil chegar a um consenso quando se apela a regras geralmente aceites. Com tais âncoras comuns na memória individual, faz sentido falar de uma memória colectiva.

⁷ Nas fórmulas introdutórias do provérbio, é nítido esse apelo à experiência histórica comum. Cf. FUNK & FUNK, 1996, onde se verifica ser bastante comum o fenómeno da Polifonia na apresentação do provérbio, quer em Português, quer em Alemão, mais especificamente na transferência da autoridade do suposto Locutor (habitualmente o povo, uma pessoa conhecida ou um antepassado) para o Enunciador da expressão proverbial.

⁸ Ainda mais quando os seus autores se limitam a compilar recolhas anteriores igualmente deficitárias.

⁹ Só nas últimas décadas se formou uma área da Paremiologia, como se verifica em CHLOSTA & GRZYBEK, 1993, onde são utilizados métodos estatísticos que nos permitem verificar se um provérbio é realmente do conhecimento comum.

¹⁰ Da pesquisa realizada em FUNK & FUNK, 2001^a, 2001^b e 2002, concluímos que, em centenas de exemplares sobre a Mulher, nem uma meia dúzia atinge um grau de conhecimento superior a 10%.

¹¹ Cf. FUNK, 1994-1996.

Em nosso entender, um provérbio não é marginalizado pelo facto de as elites o desprezarem, mas sim quando estas o utilizam em proveito próprio, desacreditando-o a longo prazo junto do povo. Neste contexto, a aceitação popular do provérbio é a semente do seu declínio. Porém, quando o mesmo perde utilidade e o interesse junto das elites, aí, então, cresce de novo em liberdade.

2. A usurpação do provérbio no século XX

No século XX, há duas tendências de exploração do património oral: a primeira prende-se com a instrumentalização do mesmo por regimes ditatoriais e a segunda, com o seu aproveitamento nos *mass media* para efeitos de *marketing*.

No Estado Novo, quer em Portugal, quer no Brasil, observam-se algumas estratégias de uso dos provérbios como meio político. A doutrinação da juventude constituía um dos instrumentos mais eficazes do regime, daí se perceber a forma como os provérbios foram utilizados nos manuais escolares em vigor durante esse período.

No *Livro de Leitura da 3.ª Classe*, usado em Portugal na década de 60, narra-se, nas páginas 47/8, uma história na qual se demonstra a prevalência do provérbio «Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje» relativamente ao conceito oposto «O que se não faz em dia de Santa Luzia faz-se no outro dia». Desta forma, exaltam-se virtudes como a Ordem, a Obediência, a Diligência e a Disciplina, utilizadas pelos regimes autocratas em proveito próprio. Após a queda das ditaduras, tais valores, bem como os provérbios a eles associados, foram naturalmente postos em causa, como aconteceu na Alemanha pós-guerra, em especial no final da década de 60¹².

Particularmente problemática é a utilização directa do provérbio para fundamentar um sistema totalitário. Em Portugal, recorreu-se, para o efeito, a três importantes pilares: Deus, Pátria¹³ e Família¹⁴. Dos cidadãos esperava-se o mesmo tipo de obediência aos líderes

¹² Nesse período, os referidos valores foram frequentemente rotulados como «Sekundärtugend des KZ-Wächters» [= virtudes secundárias dos guardas dos campos de concentração].

¹³ SARAIVA, 2002: 385, realça o facto de GOMES, 1986, ter inserido um provérbio aparentemente inofensivo como «De Espanha nem bom vento nem bom casamento» na classe «Da Política – I», especificamente na subclasse «Da nação, do nacionalismo, da xenofobia». De facto, nas línguas europeias, há muitos provérbios que referem características negativas de um povo vizinho. Desta forma, valoriza-se indirectamente a própria Pátria.

¹⁴ Situação idêntica é vivida no Brasil durante o Estado Novo, como se pode ver no artigo «Currículos e programas para escolas públicas em Pernambuco, no período do Estado Novo (1937-1945)» de Elisângela Torres de Albuquerque, patente na página Web da «Sociedade Brasileira de História da Educação» em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0341.pdf>: «(...) em meio às práticas escolares, fazia-se uso de alguns provérbios e quadras, de fundo moral/religioso, realçados em cartazes expostos nas escolas, exaltando a tríade Deus, Pátria e Família, enfatizando a obediência e o respeito aos superiores. Frases como as que se seguem, afirmavam verdades e exortavam os alunos nesse sentido:

- Honra e adora o nome de Deus!
- Venera a bandeira nacional e cultiva o amor à pátria!
- Ama e respeita teu pai e tua mãe!

políticos¹⁵ que um filho deve ao pai. Esta transferência, justificando uma sociedade dirigida por uma figura paternal, pode ser estudada na página 174 do referido manual da 3.^a classe, no qual se considera a Pátria uma grande família, cujo pai é o chefe a quem se deve «tributar veneração». O cumprimento deste dever justifica-se plenamente, na medida em que o Chefe de Estado configura a entidade paternal por excelência, ou seja, Deus¹⁶.

Os provérbios servem, neste contexto, para dignificar a triade fundamental do Estado Novo, como vemos, no mesmo livro escolar (pág. 140), através dos seguintes exemplares: «Quem dá aos pobres empresta a Deus», «Mocidade ociosa traz velhice vergonhosa» e «O filho que amargura os pais jamais conta com ventura». O segundo provérbio não se integra aparentemente na referida trindade, mas ao condenar a «mocidade ociosa», exalta indirectamente o Movimento da «Mocidade Portuguesa», onde se pregava a veneração ao regime.

Indícios de violação da herança paremiológica encontramos especialmente no caso do Nacional-Socialismo na Alemanha, documentado em MIEDER (1983: 181-210). Este Autor dá-nos conta da conversão do provérbio jurídico «Gemeinnutz geht vor Eigennutz» [= «O bem comum vem antes do bem pessoal»] em frases como «Gemeiner Nutz ist des Vaterlandes Schutz» [= «O bem comum é a protecção da Pátria»], num claro apelo à militarização.

Para fins anti-semíticos, revitalizaram-se expressões medievais já ultrapassadas, como «Juden im Haus sind schlimmer als Wanzen und Laus» [= «Um judeu em casa é pior que pulgas e piolhos»], sendo inclusivamente declarados como provérbios antigos alguns chavões concebidos pelos nazis, por exemplo: «Erst wenn der letzte Jude ist verschwunden, hat das Volk seine Erlösung gefunden» [= «Só quando o último judeu desaparecer é que o povo encontrará a sua salvação»].

A forma mais devastadora de deturpação dos provérbios verifica-se na descontextualização e aplicação dos mesmos no seu sentido literal, nomeadamente o exemplar bíblico «Auge um Auge, Zahn um Zahn» [= «Olho por olho, dente por dente»], usado para apelar à violência física contra os Judeus.

-
- *Estima e obedece ao teu professor e a teus superiores!*
 - *Sê amigo de teus irmãos, trata bem aos colegas e aos teus semelhantes!*
 - *Comparecer pontualmente as aulas!*
 - *Traça tua vida dentro dos preceitos da moral cristã!*
 - *Cultua a família como pedra angular da sociedade!*
 - *Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem!*
 - *O mau exemplo é um envenenamento espiritual.*
 - *A ignorância é para o espírito o que a cegueira é para o corpo.*
 - *Quem não sabe obedecer, não sabe mandar.*

¹⁵ As denominações «El Caudillo», «Führer», «Duce» ou «Pai da Nação», atribuídas, respectivamente, a Franco, na Espanha, Hitler, na Alemanha, Mussolini, na Itália e Salazar, em Portugal, ilustram bem este conceito.

¹⁶ Na Alemanha nazi, o culto ao «Führer» teve momentos de verdadeira apoteose, digna de um Messias.

Apesar de não ter atingido o mesmo grau de envolvimento na propaganda do regime ditatorial em Portugal, o uso do provérbio neste enquadramento político originou, todavia, a sua marginalização na fase de ruptura do sistema. Iniciou-se, então, um processo necessário de reflexão ideológica, que durou mais de uma década¹⁷.

Uma prova de que a fase de depreciação do provérbio em algumas faixas da sociedade ainda não foi completamente ultrapassada reside na forma como o ditado «Entre marido e mulher não metas a colher» é usado, especialmente pela UMAR, no discurso público sobre a legislação contra a violência doméstica. Neste contexto, o provérbio é apresentado como o bastião de uma mentalidade que menospreza o crime da violência contra as mulheres.

Literalmente, o dito popular em causa não denota uma confrontação entre marido e mulher, se bem que o seu uso seja marcado por contextos de desacordo entre os membros do casal¹⁸. Ocasionalmente, o referido exemplar pode ser utilizado para desculpar o facto de se ignorar a violência doméstica¹⁹, no entanto, a sua pragmática não se centra no caso extremo de um crime, mas nas divergências normais de um casal. cremos, contudo, que há um avanço civilizacional quando uma sociedade não se intromete desnecessariamente²⁰ em assuntos privados. Seria, por exemplo, muito menos doloroso se os casos de infidelidade se resolvessem entre os intervenientes directos e não na praça pública, como acontece hoje em dia, especificamente na envolvimento de personalidades como Tiger Woods ou Bill Clinton.

Mesmo abandonado por uma geração, o provérbio manteve a sua força como parte integrante do património oral, permanecendo activo no subconsciente²¹ e na transmissão

¹⁷ Cf. GOMES, 1986: 34: «(...) No seu conjunto, a sabedoria popular é a expressão duma forma de pensar imóvel, o código-fóssil do *establishment* pouco virado para a mudança, a lei não-escrita duma ideologia amiga do Imutável. Há 12 anos [relativamente à 1.ª edição, de 1974] podia-se, sem escrúpulos, atribuir adjectivação pejorativa à superstição, ao obscurantismo, ao machismo, à desigualdade, ao imobilismo e a outras qualidades da referida ideologia. Hoje, um discurso desse tipo arrisca-se a ser mal visto pelas novas gerações que estão a ressuscitar as modas-e-os-modos de pensar-e-agir dos bisavós (...).

¹⁸ Cf. FUNK e FUNK, 2008: 185-187.

¹⁹ Os adagiários registam, de facto, muitos provérbios aviltantes contra a integridade da mulher, como «Quanto mais me bates mais gosto de ti». Em muitos desses casos, resta saber se os exemplares recolhidos foram alguma vez populares ou se constituem apenas anacronismos, preservados em virtude da falta de metodologias adequadas de foro estatístico ou dada a ânsia dos colecionadores de inserirem nas suas recolhas o máximo de entradas possível.

²⁰ Como em qualquer princípio generalista, é a sociedade que deve especificar o âmbito de aplicação desta norma. No quinto mandamento da Lei de Deus («não matar»), os limites são traçados pela defesa contra um agressor mortífero e pelo recurso a animais como fontes de alimento. No caso da privacidade do casal, a integridade física pode ser facilmente estabelecida como limite.

²¹ Na discussão sobre a apresentação do seu trabalho sobre o uso do provérbio na obra de José Saramago, durante o 1.º *Colóquio Interdisciplinar sobre o Provérbio*, realizado em Tavira, em 2007, Helena Vaz Duarte referiu o facto de o Escritor, numa carta dirigida à Autora, ter ficado surpreendido com a frequência com que recorria a esse tipo de texto, de tal modo que admite: «Estou a chegar à conclusão que sem a bengala dos provérbios não teria chegado a ser escritor...» [cf. DUARTE, 2008: 404].

intergeracional da herança cultural. Quando este género da Literatura Tradicional recupera a notabilidade, aumentam novamente as tentativas do seu aproveitamento para fins específicos.

Na Alemanha, com a revalorização do património paremiológico já na década de 70, é visível a exploração dos textos proverbiais sobretudo na publicidade²², demonstrando, assim, o segundo aspecto do abuso do provérbio no século XX. Em Portugal, uma das melhores campanhas publicitárias, envolvendo este tipo de texto foi desenvolvida pela marca Danone, através da citação de diferentes exemplares no interior da tampa das embalagens de iogurtes. Já nos sacos da «Loja do Gato Preto», apresenta-se o lema da empresa, «Casas livres, clientes felizes», no meio de uma lista de sete provérbios e uma expressão idiomática contendo a palavra-chave «gato»²³, insinuando-se, assim, o referido mote como uma expressão popular. Este uso, apesar de indiciar o prestígio do património proverbial, pode também estar na origem de uma exposição abusiva, daí o perigo da publicidade ao contribuir para a banalização do valor do provérbio.

A utilização subversiva começa, muitas vezes, com uma ligeira variação linguística, como se nota no anúncio da empresa «CaleirAçores», no qual o exemplar «Não lembra Santa Bárbara senão quando faz trovões» se converte na frase «É quando chove que nos lembramos de Santa Bárbara...». A troca entre as formas predicativas «faz trovões»²⁴ e «chove» é intencional, na medida em que foca a atenção no problema da infiltração de água, com base numa interpretação literal do provérbio, justificando a adição do complemento «...e da falta das Caleiras no telhado das nossas casas.» O objectivo de captar o interesse do público para a venda do seu produto é, deste modo, perfeitamente atingido pela referida Empresa regional.

3. Vitalização do provérbio na era da globalização

O processo de globalização, que praticamente descaracterizou as sociedades modernas, provocou nas mesmas a procura de uma entidade própria através das suas tradições regionais. É interessante verificar que, hoje em dia, praticamente ninguém se guia pelos provérbios meteorológicos, mas ainda se preserva estes exemplares, talvez por motivos saudosistas. O cerne da sabedoria dos provérbios actuais assenta em regras sociais, definindo-se a cultura também pela nossa visão sobre os Homens e a relação entre eles. Como na complexa interacção entre os seres humanos nunca haverá certezas, estas expe-

²² Cf. MIEDER, 1979, onde se apresenta o mesmo número de exemplos de emprego do provérbio quer na Publicidade (item XI, pp.191/2), quer na prosa literária (item VII, p.189).

²³ Os provérbios «Gato escaldado, de água fria tem medo», «De noite todos os gatos são pardos», «A curiosidade matou o gato», «Quando está fora o gato, folga o rato», «Gato miador não é bom caçador», «Um olho no prato outro no gato», «Quem não tem gato ... caça com cão», e a expressão idiomática «Gato escondido com rabo de fora».

²⁴ Adequado a Santa Bárbara, protectora contra relâmpagos e tempestades, e padroeira de todas as profissões ligadas ao fogo.

riências intuitivas de inúmeras gerações no domínio social, condensadas em provérbios como «Olho por olho, dente por dente», ou «Quem não arrisca não petisca», são mais-valias, que nas áreas da Sociologia e Psicologia podem até ter novas denominações, como, por exemplo, a regra da retaliação ou a vantagem da iniciativa, mas basicamente firmam-se nos mesmos princípios.

A vantagem dos provérbios consiste na sua divulgação generalizada, na linguagem acessível e implementação local, daí existir uma funcionalidade muito importante da referida fracção de textos proverbiais, relacionada com as relações pessoais, que ainda hoje justifica em pleno a sua preservação, divulgação e aplicação. Um género que mantém um papel central na socialização do indivíduo de uma cultura nunca será marginalizável, mesmo que as elites prefiram denominações alternativas.

Numa sociedade democrática, a cultura das massas é o veículo principal para o desenvolvimento social, dado que as decisões tomadas têm que ser justificadas a longo prazo de acordo com a visão do mundo da maioria. No ano transacto, notou-se, pela abstenção nas urnas, um divórcio entre a elite política e a população comum, o que é um resultado do afastamento dos responsáveis das bases democráticas. No campo económico, também se observa uma erosão da legitimidade moral dos principais intervenientes, cujas práticas financeiras expansivas falharam desastrosamente. Muitas dessas ideias inovadoras fracassaram porque não respeitaram princípios fundamentais, que, no campo dos provérbios, são expressos como uma experiência milenar. Não é por acaso que conceitos como Poupança (No poupar é que está o ganho), Honestidade (Antes pobre honrado do que rico ladrão), Solidariedade (A união faz a força; Antes dar do que receber; Quem dá aos pobres empresta a Deus), Modéstia (Ninguém cospe para o ar que não lhe caia no rosto; Quanto maior é a subida, maior é a queda), Amizade (Antes um amigo na praça que cem mil réis na algibeira), Perseverança (Água mole em pedra dura...), Paciência (Devagar se vai ao longe), Sustentabilidade (O barato sai caro; Galinha gorda por pouco dinheiro não há no poleiro), sobreviveram durante tanto tempo no tesouro da sabedoria popular.

Um argumento recorrente contra os provérbios é a sua classificação como lugar-comum. Que mal há em ser do conhecimento geral? Um conselho não perde a sua pertinência pelo facto de estar amplamente divulgado. O problema, tal como no síndrome de Cassandra, é não se levar a sério avisos de fontes já comprovadas, o que acontece muitas vezes com os provérbios quando as pessoas não respeitam as regras básicas ao se ocuparem com estratégias ultra-complexas.

As expressões proverbiais são protótipos de um *mem*²⁵, definido como uma ideia difundida num meio social evolutivo. Segundo este conceito, qualquer ideia vantajosa para uma sociedade provoca uma larga divulgação, mantendo-se activa enquanto esta mais-valia permanece.

²⁵ Este conceito foi introduzido pelo biólogo inglês DAWKINS, 1989, e adaptado pelo filósofo americano DENNETT, 1995.

Uma falha grave que muitas vezes contribuiu para a descrédibilização dos provérbios é a escassez de estudos qualitativos e quantitativos sobre cada exemplar. Durante o seu processo evolutivo o provérbio muda²⁶ e pode suscitar até uma interpretação padrão contrária à sua semântica. Por exemplo, «Olho por olho, dente por dente» é frequentemente usado para estigmatizar um acto de vingança, razão por que, na interpretação do provérbio, se deve ter em conta a sua múltipla tradição de uso, neste caso, de acordo com a Lei de Talião ou com Jesus Cristo.

O aspecto quantitativo, que se expressa na percentagem do conhecimento e da aceitação de um determinado conceito, é geralmente negligenciado, embora se afigure central para a avaliação do processo evolutivo, na medida em que um provérbio esquecido ou rejeitado não pode ser considerado como regra de sucesso a longo prazo, aspecto que constitui um dos requisitos do estatuto proverbial. Tanto quanto sabemos, este crivo evolutivo não é aplicado nos adagiários convencionais.

Os provérbios, como regras milenares, comprovaram em larga escala a sua utilidade e merecem ser considerados no âmbito de uma reflexão profunda sobre um modelo social e económico sustentável. Estes textos constituem uma espécie cultural nuclear, que é reinterpretada por cada geração de acordo com o desenvolvimento da sociedade. Os provérbios não são imutáveis, modificam-se com o tempo, adaptam-se às novas realidades, mas também servem para avaliar e prever a eficiência de muitas inovações. Por isso, achamos de grande importância sistematizar, analisar e aplicar esse género de estratégias tradicionais no tempo presente. No caso dos provérbios, fundámos, em Maio de 2008, a Associação Internacional de Paremiologia/International Association of Paremiology (AIP-IAP), com o objectivo de coordenar algumas iniciativas neste campo, especificamente através de Encontros de Paremiologistas ou estudiosos do Provérbio, como uma plataforma para trocar ideias e experiências, particularmente no âmbito interdisciplinar.

Os provérbios são o ponto de cruzamento de conceitos de áreas como a Linguística, Sociologia, História, Antropologia, Matemática ou Filosofia, aliás como se comprovou nos Colóquios sobre esta temática, realizados em Tavira, nos últimos três anos. Na comunidade científica ligada à Paremiologia nota-se uma crescente dinâmica, reflexo da vitalidade do provérbio na sociedade contemporânea. O interesse renovado por este género da Literatura Oral e Tradicional é sentido cada vez mais nas novas gerações de paremiologistas, sinal de que o Provérbio recuperou o seu lugar após uma fase de estagnação. A aplicação do Texto Proverbial em outras áreas, como a Psicologia, com o objectivo de parametrizar as conceptualizações psicossociais²⁷, demonstra bem a sua funcionalidade e relevância na sociedade actual.

²⁶ Cf. FUNK e FUNK, 2006.

²⁷ Cf. NETO, 2007 e 2008.

Bibliografia

- AGRICOLA, Johannes (1534 e 1548) – *Sprichwörter Sammlungen*, editado por Sander L. Gilman. Berlin: 1971, 2 volumes.
- ALVES, Manuel A. C. (1996) – *Mudam os ventos, mudam os tempos: o adagiário popular meteorológico*. Lisboa: Gradiva.
- DAWKINS, Richard (1989) – *The Selfish Gene*, 2.^a ed. Oxford: Oxford University Press.
- DELICADO, António (1651) – *Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns*. Lisboa: Officina de Domingos Lopes Rosa.
- DENETT, Daniel C. (1995) – *Darwin's Dangerous Idea: Evolution and the Meanings of Life*. New York: Simon & Schuster.
- FUNK, Gabriela (1994-1996) – *Os estereótipos e a mentalidade de um grupo social – estudo empírico*. «Revista Arquipélago – Série Língua e Literaturas», n.º XIV, pp. 315-333.
- FUNK, Gabriela & FUNK, Matthias (1996) – *Integration eines Sprichwortes in einen Gesamttext – Eine Kontrastive Analyse im Deutschen und Portugiesischen*. In «Proverbium. Yearbook of International Proverb Scholarship», Vol. 13, pp. 85-110.
- (2001^a) – *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa – Provérbios de S. Miguel*. Lisboa: Edições Salamandra.
- (2001^b) – *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa – Os Provérbios Açorianos nos EUA*. Lisboa: Edições Salamandra.
- (2002) – *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa – Provérbios das Ilhas do Grupo Central dos Açores (Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Terceira)*. Lisboa: Edições Salamandra.
- (2006) – *Mudam-se os Tempos, mudam-se os pensamentos... e os Provérbios?* In «Estudos sobre Cultura Popular em Homenagem ao Professor Doutor José de Almeida Pavão». Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, pp. 117-145.
- (2008) – *Dicionário Prático de Provérbios Portugueses*. Chamusca: Edições Cosmos.
- GOMES, Manuel João (1986) – *Nova Recolha de Provérbios Portugueses e outros Lugares-Comuns*, 2.^a ed. Lisboa: Afrodite Editora.
- GRYZBEK, P. e CHLOSTA, C. (1993) – *Grundlagen der empirischen Parömiologie*. In «Proverbium. Yearbook of International Proverb Scholarship», Vol. 10, pp. 89-128.
- Livro de Leitura da 3.ª Classe* (1958) – Ministério da Educação. Carvalhos: Livraria dos Carvalhos.
- LUTERO, Martin (1530) – *Sprichwörter Sammlung*, Editado por Ernst Thiele. Weimar, 1900.
- MARTINS, Pedro (2009) – *Dura Lex, sed lex: Reminiscências proverbiais latinas no Direito Português Contemporâneo*. In «Actas do 2.º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios», editado por Rui Soares e Outi Lauhakangas. Tavira, pp. 330-338.
- MIEDER, Wolfgang (1979) – *Deutsche Sprichwörter und Redensarten*. Stuttgart: Reclam (Arbeitstexte für den Unterricht).
- (1983) – *Deutsche Sprichwörter in Literatur, Politik, Presse und Werbung*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- NETO, Félix F. M. (2008) – *The colors of love conveyed by sayings about love*. In «Actas do 2.º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios», editado por Rui Soares e Outi Lauhakangas. Tavira, pp. 348-466.
- (2009) – *Conceptualizations of forgiveness conveyed by sayings about forgiveness*. In «Actas do 2.º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios», editado por Rui Soares e Outi Lauhakangas. Tavira, pp. 365-392.
- O livro da Segunda Classe* (1958) – Ministério da Educação Nacional, 6.^a ed. Porto: Editora Educação Nacional.
- PEREIRA, Bento (1655) – *Florilegio dos modos de fallar, e adágios da lingua portuguesa*. Lisboa: Paulo Craesbeeck.
- ROTTERDAM, Erasmus de (1508) – *Adagiorum Chiliades*, Editado por Theresia Payr. Darmstadt, 1972.
- SARAIVA, Arnaldo (2002) – «*De Espanha nem bom vento...*», Separata de «Estudos em Homenagem a João Francisco Marques». Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.